

AS RELAÇÕES ENTRE QUALIDADE DE VIDA E AGRICULTURA FAMILIAR ORGÂNICA¹

Elaine de Azevedo²

Objetiva-se aqui construir uma relação entre saúde, qualidade de vida, Agricultura Familiar e Agricultura Orgânica (AO) partindo da premissa de que os aspectos subjetivos e objetivos que aparecem nas discussões sobre saúde e qualidade de vida também estão presentes nos estudos sobre a Agricultura Familiar Orgânica (AFO) que consideram a qualidade de vida como um elemento importante para se discutir desenvolvimento sustentável no meio rural. O que esse artigo sinaliza é a existência de uma articulação fértil entre a qualidade de vida e a AFO e também a relevância de se pensar a qualidade de vida como eixo central nas discussões de desenvolvimento rural e Agricultura Familiar Orgânica.

Para compreender tal articulação aborda-se a noção de qualidade de vida a partir da sua relação com a saúde. Parte-se dos conceitos históricos de saúde nas visões higienista, social e biológica³ e a mudança recente de enfoque dessas visões que não conseguiram, de forma isolada, promover saúde. Essa mudança trouxe a discussão da saúde para uma abordagem mais global e interdisciplinar relevando-se os aspectos sociais, ambientais e culturais da promoção de saúde aproximando assim seu conceito ao de qualidade de vida.

Apesar da relação explícita que existe entre saúde e qualidade de vida a noção de qualidade de vida deve ser explorada a partir de múltiplos aspectos que ampliam a sua dimensão. Atualmente essa noção, eminentemente humana, transita em um campo semântico polissêmico por estar, de um lado, relacionada ao modo, condições e estilos de vida e, de outro,

¹ Este artigo é um resumo da articulação de conceitos construída na dissertação de mestrado “As relações entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica: da articulação de conceitos a um estudo exploratório”, realizada em 2003 no âmbito da Pós-Graduação em Agroecossistemas da UFSC.

² Nutricionista (UFPR). Mestre em Agroecossistemas (CCA/UFSC). Docente da Universidade do Sul de Santa Catarina/UNISUL. Contato: fone: 48-99027630 / email: elainez@unisul.br

³ A **visão higienista** surgiu a partir do Iluminismo, na Europa dos séculos XVII e XVIII. Nesta época grande ênfase foi dada às cidades e aos sistemas de saneamento, qualidade do ar e da água e acúmulo de dejetos e cadáveres como condições multifatoriais que envolviam o fato de adoecer. A **visão social** da doença surgiu com a ascensão da Revolução Industrial. O crescimento populacional das cidades sob condições sociais inadequadas levou ao aumento da mortalidade e a deterioração das condições de saúde, principalmente entre a população operária pobre. As condições sociais desta população indicavam, de acordo com Rosen (1994), uma outra dimensão da doença: a doença não como natureza pura, mas influenciada pela atividade social e pelo ambiente cultural que tal atividade cria. A **visão biológica** surgiu no final do século XIX e teve como principais protagonistas Ehrlich, Koch e Pasteur que atribuíram aos microorganismos e ao meio a causa das doenças. Estas descobertas serviram de base a Medicina Científica, ao atual complexo médico-microbiológico-industrial-alimentar e à visão

à idéias de desenvolvimento sustentável, de ecologia humana, de desenvolvimento, de direitos humanos e sociais. Tem sido aproximada “ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural dos elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar” (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, pp.8-10).

Diante dessa noção parece claro que aspectos sócio-ambientais e culturais devem ser relevados na discussão de qualidade de vida e ressalta-se que esses aspectos também estão presentes nas discussões sobre a Agricultura Familiar Orgânica. A abordagem da relação entre qualidade de vida e agricultura começa com a análise das mudanças que ocorreram no sistema agroalimentar com base no Padrão Técnico Moderno (PTM)⁴ de produção chegando até os dias atuais, com o resgate da Agricultura Orgânica.

O Padrão Técnico Moderno da agricultura, ao priorizar elevados ganhos de produtividade, gerou crises que podem ser apontadas em três dimensões: na **dimensão econômica**, através do aumento da eficiência tecnológica e comercial, estimulando a superprodução, cujos efeitos incidiram sobre o dinamismo da atividade produtiva, na **dimensão social**, uma vez que a modernização focou a grande propriedade agrícola tradicional, reduzindo a necessidade da força de trabalho e, por último, na **dimensão ambiental**, com o uso excessivo e indiscriminado dos insumos químicos de origem industrial, com o risco de um sério desgaste de recursos naturais. (LAMARCHE, 1993).

Também a **saúde pública** sofreu os efeitos da adoção deste padrão. As repercussões são sentidas quando se avalia o aumento de doenças transmissíveis e não-transmissíveis concentradas especialmente entre a população socialmente vulnerável, a qual o Padrão Técnico Moderno de agricultura contribuiu significativamente para formar. Outros riscos sobre a saúde humana atingem todas as classes sociais. São riscos relacionados à contaminação das águas e do solo, além da modificação da qualidade dos alimentos produzidos dentro do PTM.

E por fim, as repercussões sobre **a dimensão cultural**. O Padrão Técnico Moderno permitiu uma mudança na agricultura inserida no contexto urbano-industrial próprio da modernidade que enfatiza, além da produtividade, tendências de uniformização dos modos de vida rural e urbano. Essas tendências incentivaram mudanças no modo de viver do agricultor

intervencionista do meio, que levou a extinção muitas espécies que viviam em equilíbrio (CUTOLO, 2001).

⁴ Esse termo refere-se ao que Ehlers (1996) aponta como a segunda revolução agrícola que iniciou em meados do século XIX e baseou-se nos avanços tecnológicos e nas descobertas científicas (fertilizantes químicos, melhoramento genético e mecanização) consolidando o Padrão Técnico Moderno de agricultura.

familiar e contribuíram para minar a importância da manutenção da sua racionalidade e de sua identidade cultural. O conhecimento agrícola tradicional bem como os hábitos de vida relacionados à manutenção da cultura de cada região foram desvalorizados. O PTM não considerou os saberes agrícolas tradicionais e a racionalidade ecológica dos agricultores. Essa racionalidade sempre foi ajustada à complexidade de cada meio rural e remete à identidade cultural construída pelos agricultores, a partir do seu ambiente. Essas repercussões culturais são igualmente sentidas no meio urbano. O sistema de produção de alimentos e os hábitos alimentares culturalmente diferenciados foram substituídos por alimentos produzidos sob a ótica da predominância econômica, tecnológica e cultural ocidental (WILKINSON, 2002). A tendência alimentar dominante aponta dietas padronizadas e uniformizadas à luz dessa “cultura industrializada” que desconsidera a territorialidade dos hábitos alimentares.

Ao analisar essas dimensões vislumbram-se as mudanças no modo de viver dos agricultores que alteraram negativamente sua qualidade de vida. Muitas dessas mudanças são também extensivas aos moradores do meio urbano. A análise dessas repercussões faz voltar-se para a AO como uma opção produtiva que busca amenizar as repercussões do Padrão Técnico Moderno e que se relaciona com a promoção da qualidade de vida.

Na dimensão da **saúde ambiental** ressalta-se a preocupação da AO em manter a diversidade biológica e o meio ambiente saudável, ação que repercute positivamente na saúde de quem vive nesse ambiente. Posteriormente ressalta-se a questão da qualidade dos alimentos que contribui com a discussão da qualidade de vida na medida em que a AO provê alimentos com valor nutricional equilibrado e isentos de contaminantes químicos cujo consumo se relaciona com a promoção da **saúde humana**⁵.

No contexto sócio-cultural da AO insere-se a Agricultura Familiar⁶. Ao se avaliar os **aspectos sócio-culturais** que permeiam as discussões da Agricultura Orgânica e qualidade de

⁵ Nos estudos comparativos entre produtos da agricultura convencional e da Agricultura Orgânica, espera-se que os últimos apresentem maior valor nutricional, pois são produzidos a partir de um solo mais rico e equilibrado em nutrientes. Alguns desses estudos indicam que frutas, verduras e cereais orgânicos contêm mais minerais, aminoácidos, vitamina C, açúcares totais e fitoquímicos, além de maior teor de matéria seca quando comparados aos convencionais ou àqueles produzidos com a utilização de adubos de síntese química (ASAMI et al, 2003; SHARP E AUBERT, 1986 apud BONILLA, 1992; DEFFUNE; SCOFIELD; LOPES-REAL, 1993; PIAMONTE, 1996; REGANOLD, 1995; SMITH, 1993). Para os alimentos de origem animal, provenientes de animais não confinados (forma de manejo preconizada no sistema orgânico de produção animal), Dhiman (2001), Simopoulos e Salem (1992) apresentaram estudos que mostram maior teor de fitoquímicos e de vitamina A, além de um equilíbrio na relação entre os ácidos graxos ômega 3 e 6 nas carnes, leite e ovos desses animais

⁶ Não se ignora que existe uma vastidão de tipos de agricultura familiar porém aponta-se aqui para uma parcela das unidades familiares marcadas por sua lógica voltada para a reprodução da família, que busca o desenvolvimento de sistemas diversificados de produção agrícola, a economia no consumo de energia

vida introduz-se a agricultura familiar como *locus* ideal da AO e como estratégia de construção de novas ruralidades (DO CARMO, 1998; KARAM, 2001). A AFO preocupa-se com o resgate cultural na medida em que valoriza o saber agrícola tradicional do agricultor familiar. À luz da AFO aparece uma oportunidade para se discutir inclusão social e desenvolvimento rural sustentável, aspectos que também permeiam as discussões de qualidade de vida e **saúde social**. Assim como Gomez (1997), considera-se que a Agricultura Familiar acumula historicamente as condições de realizar a passagem para um modelo mais sustentável de agricultura que repercute diretamente sobre a qualidade de vida no meio rural e também urbano.

O agricultor familiar, antes relegado ao papel secundário no processo produtivo, reassume hoje as condições para resgatar uma nova forma de produção de alimentos de qualidade, que, inserida num contexto de organização social mais justo e solidário, promova a saúde humana, a cultura local, o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida.

Dentro dessa perspectiva, o meio rural tende a se configurar como um espaço de promoção de qualidade de vida para a sociedade rural e urbana. Porém, o rural só pode ganhar tal dimensão se o sistema produtivo adotado tiver a mesma percepção dessa noção. Um sistema produtivo que promova qualidade de vida deve ter como prioridade a preocupação de preservar o meio ambiente, de dignificar socialmente o agricultor, de valorizar a cultura local e o saber tradicional e de produzir alimentos saudáveis. Todos esses aspectos se inter-relacionam na discussão sobre qualidade de vida no meio rural. É aqui que a Agricultura Familiar Orgânica se insere, compreendida como alternativa produtiva, como movimento social, como estratégia de desenvolvimento e de revitalização do rural, onde se pode viver com melhor qualidade.

proveniente de derivados do petróleo e a preservação da flora e fauna nativas, além de privilegiar a diversidade biológica e a maior densidade de áreas verdes. Acredita-se que é esse o perfil de agricultura familiar apontado por Do Carmo (1986) ao afirmar que a agricultura familiar é o “*locus* ideal da agricultura sustentável”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASAMI, D. K et al. Comparison of the Total Phenolic and Ascorbic Acid Content of Freeze-Dried and Air-Dried Marion berry, Strawberry, and Corn Grown Using Conventional, Organic, and Sustainable Agricultural Practices. *J. Agric. Food Chem.*, v.51, n. 5, p. 1237 -1241, 2003.
- AZEVEDO, E. *Alimentos Orgânicos: ampliando conceitos de saúde humana, ambiental e social*. Florianópolis: Editora Insular, 2003.
- BONILLA, J.A. *Fundamentos da agricultura ecológica*. Sobrevivência e Qualidade de Vida. São Paulo: Nobel, 1992.
- CUTOLO, L. A. Estilo de pensamento em educação médica: um Estudo do Currículo do Curso de Graduação em Medicina da UFSC, Florianópolis, 2001.238f. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.
- DEFFUNE, G.O. G.; Allelopathic Influences of Organic and Bio-Dynamic Treatments on Yield and Quality of Wheat and Potatoes. Wye, Imperial College, University of London,2000. 540p. Thesis (Ph.D.Agriculture Department) – Post Graduation in the Agriculture Department, University of London, 2000.
- DHIMAN, T. CLA in Confinement Meat and Milk Production fall far short of Direct Grazing. *The Stockman Grass Farmer*, v.58, n.2, p.14-16, 2001.
- DO CARMO, M. S. A produção familiar como *locus* ideal da agricultura sustentável. In: FERREIRA, A.D.D.; BRANDENBURG, A (org.). *Para pensar outra agricultura*. Curitiba: Ed. UFPR, 1998, p. 215-238.
- EHLERS, E. *Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma*. São Paulo: Livros da Terra, 1996.
- GOMEZ, W. H. Desenvolvimento sustentável, agricultura e capitalismo. In: FERMIANO, D (org) *Desenvolvimento Sustentável: necessidade e/ou possibilidade*. Santa Cruz do Sul: Ed UNISC, 1997. p. 95-116.
- KARAM, K.F. Agricultura orgânica: estratégia para uma nova ruralidade. Curitiba, 2001.232f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná.
- LAMARCHE, H (coord.). *A agricultura familiar: comparação internacional-uma realidade multiforme*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- MINAYO, M.C.S; HARTZ, Z.M.A; BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva*. V.5,n.1, p.7-18,2000.
- PIAMONTE, R. Rendimento, Qualidade e Conservação Pós-Colheita de Cenoura (*Daucus Carol.*) sob Adubações Mineral, Orgânica e Biodinâmica. Botucatu, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 1996. 189p. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrônômicas) - Pós-Graduação em Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho,1996.
- REGANOLD, J. P. Soil quality and profitability of biodynamic and conventional farming systems: a review. *American Journal of Alternative Agriculture* .Washington State University. Washington, v.10, n.1, p. 36-45, 1995.
- ROSEN, G. *Uma História da Saúde Pública*. São Paulo/Rio de Janeiro: co-edição Hucitec / Unesp/ Abrasco, 1994.
- SIMOPOULOS, A. P; SALEM, N. Omega-6 and Omega-3 fatty acids in eggs. *Am J Clin Nutr*, v.55, p.411-414, 1992.
- SMITH, B. Organic foods vs. supermarket foods: Element levels. *Journal of Applied Nutrition*, v 4, p. 35-39,1993.

WILKINSON, J Os gigantes da indústria alimentar entre a grande distribuição e os novos clusters montante. *Estudos, Sociedade e Agricultura*, n.18,147-174, 2002.